

A INTERFACE SINTAXE-PROSÓDIA NA DESCRIÇÃO DE CLÁUSULAS *DESGARRADAS*

Aline Ponciano dos Santos Silvestre (UFRJ)

INTRODUÇÃO

Com base em uma abordagem funcional-discursiva, que considera a ideia de língua em uso e a função comunicativo-interacional da linguagem, levando em conta fatores pragmáticos e não só estruturais, a noção de subordinação é revista. Segundo tal abordagem, as orações denominadas *subordinadas* pela tradição envolveriam dois grupos distintos: 1) encaixadas: aquelas que são dependentes e que desempenham um papel gramatical em *constituência* com um item lexical, grupo no qual se encontram as tradicionalmente chamadas substantivas e adjetivas restritivas; 2) hipotáticas: aquelas que são dependentes e que representam opções organizacionais para os falantes, das quais emergem proposições relacionais (inferências), podendo constituir, elas mesmas, unidades de informação à parte, grupo no qual se encontram as tradicionalmente conhecidas como adjetivas explicativas e adverbiais.

Segundo considerações de Decat (1999), as estruturas de hipotaxe, cláusulas menos dependentes e que, portanto, podem formar uma unidade de informação à parte, estariam propensas ao *desgarramento*, ou seja, teriam a possibilidade de ocorrerem, sintaticamente, independentes na língua:

(...) a noção de “unidade de informação” está correlacionada com a ocorrência isolada de cláusulas subordinadas. Caracterizando-se como opções do discurso, servindo a objetivos comunicativo-interacionais, tais cláusulas “desgarram-se” porque constituem unidades de informação à parte, o que as reveste de um menor grau de dependência, tanto formal quanto semântica, chegando mesmo a se identificarem como cláusulas tidas como independentes, à maneira de alguns tipos de coordenadas. A dependência que se estabelece, nesses casos, será pragmático-discursiva. (DECAT, 1999, p.17)

A autora ainda argumenta que:

dizer que uma cláusula subordinada não pode existir por si mesma — tendo uma função sintática na cláusula matriz — é negar a existência de um fenômeno frequente em muitas línguas e já admitido em 1937 por BRÖNDAL (apud LEHMANN, 1988), e também apontado por JESPERSEN (1971), para quem um enunciado como

(1) Se eu ganhasse na Sena!

constitui uma frase completa, embora seja originalmente uma subordinada. (DECAT, 2011, p.25)

Decat (1999, 2011) postula, então, a existência de cláusulas hipotáticas *desgarradas*, ou seja, orações que, tradicionalmente, são consideradas impossíveis sem a oração “principal”, mas que, na língua em uso, ocorrem isoladas e, ainda assim, são plenamente compreendidas pelos falantes. Com isso, deixa-se, portanto, de afirmar que as orações subordinadas serão sempre dependentes sintática ou semanticamente de outra oração e se passa a compreender a possibilidade de que ocorram sozinhas, a partir de uma subordinação ao discurso em que estão inseridas, o que permite a emergência das proposições relacionais. Ademais, faz-se a menção de que o *desgarramento* é possível não só pela subordinação pragmática, mas também pela existência de um contorno entoacional específico que o caracterizaria (DECAT, 2011, p.128).

Com base nestas breves considerações iniciais, este artigo tem por objetivo analisar o comportamento prosódico de cláusulas hipotáticas adverbiais articuladas formalmente à cláusula núcleo e de cláusulas hipotáticas adverbiais *desgarradas*, a fim de descrever que marcas prosódicas presentes nas últimas nos auxiliam a fazer inferências e a entendê-las sem a oração tradicionalmente descrita como principal. Com isso, pretende-se preencher, ao menos em parte, uma lacuna na caracterização do *desgarramento*, o qual, apesar de ter o comportamento entoacional como um fenômeno relevante em sua descrição, ainda não possui análises prosódicas consistentes.

Para cumprir o objetivo antes mencionado, a seção a seguir tecerá comentários relativos às bases de nossa análise prosódica. A seção 2 abordará, de forma

mais específica, a relação entre sintaxe e prosódia para o estudo do *desgarramento*. A seção 3 comentará, brevemente, alguns trabalhos anteriores que se utilizaram da interface sintaxe-prosódia. A seção 4 elucidará os pressupostos metodológicos seguidos, a partir dos quais nossos dados serão analisados e discutidos na seção 5. Por último, apresentaremos nossas considerações finais.

1. DAS BASES TEÓRICAS PARA A ANÁLISE PROSÓDICA

A fim de proceder à caracterização prosódica das cláusulas hipotáticas *desgarradas*, consideraremos a estrutura prosódica e seus constituintes, postulando que a cláusula *desgarrada* é um sintagma entoacional (I) constituído de dois ou mais sintagmas fonológicos, valendo-nos da teoria da Hierarquia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (2007). Além disso, lançaremos mão das abordagens feitas pelo modelo autosegmental e métrico (AM) da Fonologia Entoacional, postuladas por Pierrehumbert (1980) e Ladd (2008), para a descrição dos contornos de entoação que distinguem as cláusulas existentes sem a oração matriz.

1.1 A hierarquia da fonologia prosódica

De acordo a teoria proposta por Nespor e Vogel (2007), a fonologia está em relação com outras estruturas da gramática (principalmente a sintática) e as regras que definem os diversos constituintes prosódicos fazem uso de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia, sendo a fonologia, portanto, não autônoma. Todavia, essa relação com a sintaxe é fortemente restringida a níveis mais altos da hierarquia, entre eles, o que mais nos interessa neste estudo – o sintagma entoacional. É importante destacar que, ainda que se considere a não autonomia da fonologia na descrição dos constituintes, a não biunivocidade entre os constituintes sintáticos e os prosódicos é conceito basilar da teoria hierárquica. Os constituintes prosódicos, distribuídos de forma decrescente na hierarquia, são: *enunciado fonológico (U)*, *sintagma entoacional (I)*, *sintagma fonológico (Φ)*, *grupo clítico (C)*, *palavra fonológica (w)*, *pé (S)* e *sílaba (s)*.

Ainda de acordo com Nespor e Vogel (2007), os constituintes mais altos na hierarquia prosódica dependem de noções incorporadas aos níveis mais superiores da árvore sintática e esses níveis fazem referência também a noções semânticas. Deste modo, o caráter geral do tipo de noções não fonológicas que usamos nas regras de projeção cresce segundo o avanço até categorias prosódicas maiores. Logo, cada categoria prosódica tem um grau de variabilidade de uma língua à outra que é inversamente proporcional ao seu nível na hierarquia. As

duas últimas categorias (e reiteramos que I é umas delas) são as que manifestam uma natureza mais universal.

O caráter universal de I fez com que ele tenha sido eleito domínio prosódico relevante para os estudos de entoação em várias línguas, ainda que as teorias utilizadas não sejam as mesmas. No PB, especificamente, trabalhos como os de Cunha (2000), Tenani (2002), Lira (2009), Serra (2009), Reis, Antunes e Pinha (2011), Nunes (2011), Silva (2011) e Silvestre (2012) são exemplos disto: os enfoques teóricos e os *corpora* são diversos e, ainda que não utilizem a nomenclatura estabelecida pela Fonologia Prosódica, todos têm a análise dos movimentos melódicos internos ao sintagma entoacional como fator importante para a descrição da entoação do PB.

1.2 O Modelo Autossegmental e Métrico da Fonologia Entoacional

O modelo AM postula uma organização fonológica própria para a entoação, sendo esta interpretada como uma sequência de eventos tonais localizados, diretamente relacionados com a acentuação e com fronteiras de domínio. Portanto, pode-se presumir que a estrutura prosódica, mencionada na seção anterior, condiciona, de alguma forma, a estrutura entoacional. Para a caracterização das melodias, assume-se que sua constituição se dá por sequências de tons de apenas dois tipos - altos [H] e baixos [L] - e são também dois os tipos de eventos tonais suficientes para descrevê-las: os acentos tonais (*pitch accents*) e os tons de fronteira (*boundary tones*).

Os acentos tonais afetam necessariamente sílabas acentuadas do ponto de vista lexical e sua indicação se dá por meio de um asterisco (ex: H*). Quando formados por apenas um tom, são chamados simples, e chamados bitonais ou complexos quando formados por dois tons. A proposta inicial de Pierrehumbert (1980) estabelece, a princípio, sete acentos tonais para o inglês: H*, L*, H*+L, H+L*, L*+H, L+H*, H*+H.

Os tons de fronteira são ligados a fronteiras de constituintes e não a sílabas propriamente ditas, como o próprio nome sugere (TENANI, 2002) e caracterizam a modulação melódica no fim de um domínio prosódico. Esse tipo de evento tonal pode ser alto (H) ou baixo (L) e é indicado convencionalmente pela presença de % (ex: H% ou L%). Contudo, como veremos em algumas exemplificações, alguns autores utilizam a presença de i para demarcação de fronteira, sendo sua representação Hi ou Li.

A conjugação do modelo hierárquico e do modelo AM é feita, para o Português, em trabalhos como de Frota (2000), Vigário e Frota (2003), Tenani (2002),

Fernandes (2007), Serra (2009) e o conjunto de acentos tonais propostos para o Português (europeu e brasileiro) pode ser encontrado em Frota et alii (2015).

2. DA INTERFACE SINTAXE-FONOLOGIA NO ESTUDO DO *DESGARRAMENTO*

2.1. A noção de *unidade de informação*, o sintagma entoacional e o *desgarramento*

Decat (1999) considera que a noção de “unidade de informação” pode ser um instrumento importante para o estudo e análise do *desgarramento* de cláusulas. De acordo com a autora, poder ou não constituir, por si só, uma *unidade de informação* é uma distinção fundamental entre estruturas de encaixamento e estruturas de hipotaxe. Postulada por Chafe (1980), a *idea unit* (unidade de informação ou unidade informacional) é entendida como um “jato de linguagem” que possui toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante em um único “estado de consciência” (conforme KATO: 1985 *apud* DECAT: 2011).

Decat (1999, p. 6) afirma também que há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez, ou seja, a unidade de informação expressa o que está na ‘memória de curto termo’ e, sendo assim, tais unidades possuem, segundo Chafe (1980), cerca de sete palavras e “podem ser identificadas pela entonação (contorno entonacional de final de cláusula) e pela pausa (ou hesitação), ainda que breve, que as separa de outra unidade”. Além disso, “as unidades informacionais tendem a se caracterizar como constituindo uma única cláusula”, mas que “é a entonação (contorno entonacional) o sinal mais consistente para tal identificação, ao passo que a estruturação sintática é o critério menos necessário” (DECAT, 1999, p. 6).

Em termos prosódicos, podemos dizer que uma unidade de informação constitui um sintagma entoacional (I) e que esse constituinte prosódico pode ser percebido pela entoação, pausa ou hesitação. Assim asseveram Nespor e Vogel (2007, p. 218), ao afirmar que a formulação da regra de formação de I está baseada nas noções de que ele é o âmbito de um contorno entoacional e que os finais de I coincidem com as posições em que se podem introduzir pausas em uma oração. Serra (2009), em seus estudos sobre fronteiras prosódicas no PB, afirma também que a pausa, de fato, é o principal indicador de fronteira I, apesar de o alongamento silábico e a variação de F0 também se mostrarem relevantes. Com seus testes de percepção, a autora complementa que o tamanho dos constituintes é fator importante para a percepção de fronteiras, tendo, normalmente, um I

percebido mais do que 10 sílabas ou mais do que 4 palavras prosódicas. Essas informações vão ao encontro da afirmação funcionalista anterior sobre a unidade de informação possuir cerca de sete palavras e ser identificável pela entoação, pela pausa ou hesitação e, assim, pode-se postular que a cláusula *desgarrada* é, necessariamente, uma unidade de informação e um sintagma entoacional à parte.

2.2 A noção de proposição relacional e os efeitos da entoação no discurso

Uma vez que a subordinação pragmática¹ é essencial para o fenômeno do *desgarramento*, a noção de proposições relacionais - sugestões implícitas que surgem das relações estabelecidas entre porções do texto – é também um aspecto relevante para sua descrição. De acordo com Mann e Thompson (1988), proposições relacionais são tipos de inferências que servem para relacionar duas cláusulas e emergem da contiguidade entre as mesmas, podendo, no entanto, existir entre duas sequências maiores de texto.

Sobre a configuração dessas inferências, Decat (1999) afirma que nem sempre as proposições relacionais são explicitadas por uma conjunção que mostre o tipo de relação inferida da combinação ou articulação de cláusulas, podendo esta existir independentemente de uma marca lexical que as identifique, pois o que importa é o tipo de relação que emerge da articulação dessas cláusulas e não o item lexical que as une. A estudiosa aponta ainda que o estudo da hipotaxe a partir das proposições relacionais permitirá explicar a gramaticalização² dessas estruturas, “ora pela presença de um conectivo, ora pela **entonação** [grifo nosso], ora pela pausa, ora pela própria posição da oração num contexto discursivo” (cf. DECAT:1999, p. 119).

Em termos prosódicos, podemos dizer que as proposições relacionais estão relacionadas à descrição do significado de contornos entoacionais na interpretação do discurso, descrição esta feita no trabalho de Pierrehumbert e Hirschberg (1990). As estudiosas afirmam que a atitude do falante pode ser inferida pela escolha de um tom particular, sugerindo que a atitude é melhor entendida como derivada de um significado tonal interpretado do contexto do que como representativa do significado em si. A proposta é que os falantes utilizam o tom para especificar uma relação particular entre o conteúdo proposicional percebido no sintagma entoacional (sobre o qual o tom está empregado) e as crenças/opiniões

¹ Entende-se, aqui, a subordinação “pragmática” como subordinação ao contexto comunicativo.

² O termo Gramaticalização, usado por Mathiessen e Thompson (1988), refere-se à realização, à codificação sintática da cláusula, como diz Decat (1999).

dos participantes no discurso. Afirmção semelhante é postulada por Clifton, Carlson e Frazier (2002) em sua *The rational speaker hypothesis*, propondo que a entoação é empregada de forma consciente pelos falantes, de modo a transmitir o efeito prosódico intencionado.

Sendo assim, reconhecemos a importância de conceitos funcionalistas como unidade de informação e relação proposicional para a definição de cláusulas *desgarradas* como diferenciadas pela entoação e pelas inferências que suscitam; e, por outro, pelo fato de estudos fonológicos sobre a entoação destacarem a contribuição da escolha do contorno entoacional para a interpretação do discurso, postulando, em particular, que o falante escolhe um determinado tom para transmitir uma determinada relação entre sentenças, sendo o sintagma entoacional a unidade primária para a análise do significado.

3. CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS E A INTERFACE SINTAXE-PROSÓDIA: ESTUDOS ANTERIORES

O estudo de Freitas (1995) foi um dos primeiros no Brasil a conjugar sintaxe e prosódia, analisando o papel do nível suprasegmental na estruturação sintática das cláusulas, e neste a linguista reconheceu que “(a) nem todos os contrastes sintático-estruturais são traduzíveis pela estrutura prosódica e que (b) todos os níveis hierárquicos de organização prosódica podem ser caracterizados independentemente da sintaxe” (cf. FREITAS: 1995, p. 163), ou seja, embora a prosódia seja por vezes redundante em termos de estruturação sintática, ela mantém sua independência.

Mais recentemente, Fonseca (2010), em investigação que aborda o efeito do peso dos constituintes prosódicos na desambiguação de orações relativas reduzidas, concluiu 1) que pistas prosódicas bem marcadas direcionam a interpretação sintática, 2) que a prosódia é utilizada de forma intencional pelos falantes para transmitir determinado significado e 3) que os ouvintes interpretam esses significados de forma produtiva.

No que tange ao comportamento prosódico de cláusulas hipotáticas, os trabalhos de Stein (2008), sobre a possibilidade de haver, nas orações principais, indicação prosódica das nove subcategorias adverbiais elencadas pela Gramática Tradicional, e o de Santos (2009), de base funcionalista, sobre o comportamento prosódico das cláusulas adjetivas não restritivas, são importantes referências. Outra referência importante é a tese de Garcia (2010), que descreve a configuração das orações concessivas, entre elas o que chama de

“concessivas independentes”, equivalentes às *desgarradas* de Decat (1999). A autora faz uma breve análise prosódica, a partir das nomenclaturas da gramática discursivo-funcional, concluindo que as “concessivas independentes” parecem ser inserções parentéticas marcadas na prosódia por pausas ou diferenças de tessitura antes e após a concessão (GARCIA: 2010, p.170).

Neves (2003), em estudo que discute as adverbiais como elementos de estatuto extraoracional, afirma que as relações adverbiais são tão independentes que chegam a ser expressas em enunciados paratáticos, como em “Fosse você passava ele para frente”, vindo geralmente em primeiro lugar e apresentando entoação ascendente no primeiro membro e “quebra entoacional” em seu final. Além disso, a linguista faz uma interessante observação, referente a estruturas semelhantes ao que assumimos aqui como *desgarradas*: ela assevera que há tamanha liberdade do falante no jogo discursivo com as adverbiais “a ponto de se prepararem molduras que ficam vazias, criando-se espaços mentais que obtêm efeitos particulares muito significativos” (NEVES: 2003, p.130). A autora exemplifica isso com orações que considera serem de “posição absoluta” como “Ah, se eu voltasse” e ‘Ah, fosse sempre assim’. Estas, de acordo com a nomenclatura que aqui utilizamos, poderiam ser caracterizadas como *desgarradas*, por serem uma única unidade de informação e possibilitarem a ativação das proposições relacionais, ou inferências.

Decat (2011), ao tratar especificamente da relação entre prosódia e cláusulas *desgarradas*, afirma que, auditivamente, a materialização do *desgarramento* se dá, na língua falada, pelo fato de as cláusulas *desgarradas* possuírem um “único contorno entonacional, à semelhança de um enunciado completo, ou seja, possuindo uma curva entonacional de início e fim de enunciado” (DECAT: 2011, p. 129). Essa é uma intuição que nos interessa e que será melhor discutida mais adiante.

Silvestre (2012), em breve estudo sobre o comportamento entoacional das *desgarradas* com base na fala de duas informantes, descreveu que frequência fundamental foi um parâmetro prosódico relevante em alguns dados para a caracterização de tais cláusulas, as quais evidenciaram um movimento ascendente como representativo do *desgarramento* em contraposição ao movimento descendente observado nas cláusulas apresentadas em conjunto com a oração núcleo. A autora também detectou que a duração parece ser um índice importante de diferenciação entre as cláusulas, já que em muitas das estruturas *desgarradas* houve maior tempo de produção das sílabas pós-tônicas finais do que das pretônicas, fato não verificado nas cláusulas *não desgarradas*, as quais, em sua

maioria, apresentaram, ao contrário, maior duração das sílabas pretônicas do que das pós-tônicas finais, como esperado em estruturas neutras no PB.

Silvestre e Rodrigues (2014), ao analisar a prosódia de cláusulas hipotáticas comparativas *desgarradas* introduzidas por *que nem*, com base em dados de escrita do *corpus Roteiro de Cinema*, não encontraram um padrão melódico específico para a caracterização do *desgarramento*. Apesar de a frequência fundamental - F0 - não ter sido totalmente determinante para a diferenciação entre cláusulas hipotáticas articuladas formalmente à cláusula núcleo e cláusulas *desgarradas*, uma vez que o mesmo contorno melódico foi encontrado em ambas as estruturas, a análise das estudas mostrou que o comportamento entoacional da cláusula que precedia a comparação foi determinante. As autoras postularam que o comportamento diferenciado da F0 só tenha se dado na conexão núcleo-hipotática e não nas cláusulas adverbiais em si pelo caráter não-inferencial que as cláusulas analisadas possuíam, pois o *desgarramento* se deu, de forma primária, por uma pontuação não canônica que se traduziu em pausa na fala.

Feitas essas breves considerações sobre trabalhos que nos serviram de referência, passamos, a seguir, à descrição dos procedimentos para análise dos dados.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Do *corpus*

A fim de proceder a uma análise de cláusulas que permita a descrição prosódica do *desgarramento* e sendo, como já explicitado, o sintagma entoacional nossa unidade básica, foi montado um *corpus* de orações semelhantes e tamanhos diferentes (exemplos 1a, 1b e 1c, a seguir). Deste modo, pôde-se proceder à investigação se é de fato o âmbito de I (e, principalmente, sua fronteira final – como indicaram afirmações de Decat (2011) e resultados preliminares de Silvestre (2012) o lugar *default* para a inserção de índices prosódicos caracterizadores das *desgarradas* ou se, a depender do tamanho de I (ou da ramificação de sintagmas fonológicos), teríamos marcas prosódicas em ϕ relevantes para tal caracterização, uma vez que trabalhos feitos para o PB (FROTA e VIGÁRIO: 2000, TENANI: 2002, SERRA: 2009, FONSECA: 2010) indicam a importância desse constituinte. Assim sendo, nossa hipótese é de que sejam identificadas, nos dados de *desgarramento*, outras características prosódicas não presentes em enunciados neutros.

As cláusulas que serviram de base para a análise foram obtidas através de gravações de um *corpus* de leitura, no qual foram descritas situações em que o uso de cláusulas adverbiais *desgarradas* ou não *desgarradas* é possível.

O *corpus*, como um todo, compõe-se de 30 orações adverbiais base: 15 que fazem parte de estruturas complexas, chamadas de cláusulas não *desgarradas*, e outras 15, correspondentes, *desgarradas*. As orações foram gravadas por cinco informantes, oriundas do Rio de Janeiro, totalizando o número de 150 cláusulas analisadas. A seguir, exemplificamos o processo de obtenção das cláusulas.

Situação 1a

Imagine: você e um amigo conversam sobre seus sonhos, sobre seus desejos de comprar uma casa com piscina, comprar carros do ano, viajar pelo mundo. Seu amigo pergunta como isso pode ser possível e você responde:

“Se eu ganhasse na Sena, tudo ficaria fantástico”.

Imagine agora novamente: você e um amigo conversam sobre seus sonhos, sobre seus desejos de comprar uma casa com piscina, comprar carros do ano, viajar pelo mundo. Seu amigo pergunta como isso pode ser possível e você responde:

“Se eu ganhasse na Sena...”

Situação 1b

Imagine: você e um amigo conversam sobre seus sonhos, sobre seus desejos de comprar uma casa com piscina, comprar carros do ano, viajar pelo mundo. Seu amigo pergunta como isso pode ser possível e você responde:

“Se eu ganhasse na Sena hoje, tudo ficaria fantástico”.

Imagine agora novamente: você e um amigo conversam sobre seus sonhos, sobre seus desejos de comprar uma casa com piscina, comprar carros do ano, viajar pelo mundo. Seu amigo pergunta como isso pode ser possível e você responde:

“Se eu ganhasse na Sena hoje...”

Situação 1c

Imagine: você e um amigo conversam sobre seus sonhos, sobre seus desejos de comprar uma casa com piscina, comprar carros do ano, viajar pelo mundo. Seu amigo pergunta como isso pode ser possível e você responde:

“Se eu ganhasse na Sena no próximo sorteio, tudo ficaria fantástico”.

Imagine agora novamente: você e um amigo conversam sobre seus sonhos, sobre seus desejos de comprar uma casa com piscina, comprar carros do ano, viajar pelo mundo. Seu amigo pergunta como isso pode ser possível e você responde:

“Se eu ganhasse na Sena no próximo sorteio...”

Considerando a nomenclatura dada pela gramática tradicional, foram pensadas cinco diferentes situações – referentes a cada um dos tipos de adverbiais aqui estudados: condicionais, temporais, causais, concessivas e finais. Como sugere a exemplificação anterior, cada situação foi pensada, no mínimo, seis vezes, uma vez que era necessária a leitura da cláusula com a oração núcleo e, posteriormente, com a cláusula *desgarrada*. Além disso, houve separação das cláusulas por tamanho dos constituintes (situações a, b e c), o que fez com que o mesmo contexto fosse pensado várias vezes, para que houvesse a leitura de cláusulas distintas quanto à ramificação dos ϕ s, conforme citado anteriormente e elucidado a seguir:

- Cláusulas condicionais:

[[Se eu]ϕ [ganhasse na Sena] ϕ]I
[[Se eu] ϕ [ganhasse na Sena] ϕ [hoje] ϕ]I
[[Se eu] ϕ [ganhasse na Sena] ϕ [no próximo sorteio] ϕ]I

- Cláusulas temporais

[[Quando ele] ϕ [chegar] ϕ]I
[[Quando ele] ϕ [chegar em casa] ϕ]I
[[Quando ele] ϕ [chegar em casa] ϕ [mais tarde] ϕ]I

- Cláusulas causais

[[Já que ele] ϕ [não quer] ϕ]I
[[Já que ele] ϕ [não quer o trabalho] ϕ]I
[[Já que ele] ϕ [não quer] ϕ [o trabalho à noite] ϕ]I

Salientamos que essa divisão nos deu a possibilidade de verificar se, além de determinada variação entoacional no âmbito de I (como sugere a caracterização das *desgarradas* ao destacar a unidade de informação), haveria também algum evento tonal associado ϕ que auxiliasse na descrição das cláusulas *desgarradas* e, ainda mais, permitiu-nos observar se o peso dos constituintes influenciaria no modo de implementação do *desgarramento*.

4.2 O processo de análise

As orações que compõem o *corpus* deste estudo foram gravadas no programa SOUND FORGE 7.0, no formato wav. Após a recolha, os dados foram, um a um, analisados no programa PRAAT, por meio do qual foram aferidos os valores da frequência fundamental das sílabas que compõem os sintagmas entoacionais/cláusulas analisados, priorizando a observação dos movimentos melódicos existentes nas sílabas que compõem a melodia mínima do enunciado (última tônica e átonas adjacentes). Além disso, foi averiguada a duração dessas mesmas sílabas, medida do ataque à coda em todas elas, a fim de que pudéssemos verificar se o alongamento na fronteira do sintagma entoacional também funcionaria como um índice caracterizador do *desgarramento*.

É importante salientar que foi feita a análise prosódica apenas das cláusulas hipotáticas adverbiais, ou seja, as cláusulas núcleo que compõem parte dos dados não tiveram seu comportamento melódico analisado, uma vez que isto foge aos propósitos deste artigo, que tem o intuito de descrever que diferenças comportamentais possibilitam o entendimento de cláusulas *desgarradas* como um todo informacional. Tendo em mente nosso objetivo, passaremos, nos tópicos a seguir, à análise objetiva dos dados, fazendo-a separadamente a partir da nomenclatura dada pela GT, a fim de que seja facilitado o entendimento. Faremos, na seção 5.1, uma análise dos movimentos de F0 e da duração com base em figuras obtidas no PRAAT. Na seção 5.2, apresentaremos os resultados por meio de gráficos relativos à média da duração e à sistematização das configurações melódicas observadas na seção anterior.

5. RESULTADOS

5.1. Os movimentos melódicos e a duração das sílabas nos sintagmas entoacionais

5.1.1 Estruturas tradicionalmente chamadas temporais

As cláusulas temporais *não desgarradas* apresentaram contorno final descendente em todos os dados, representado pela configuração HL* L%, e tom H* na primeira sílaba proeminente de I. Contudo, é interessante observar que, apesar da configuração semelhante à descrita para a asserção neutra no PB, o tom L na fronteira final de I não necessariamente traduz uma queda da F0. Isso se deve, provavelmente, ao fato de essas cláusulas, apesar de não apresentarem a configuração descrita como “continuativa” ou “suspensiva”, possuírem uma continuação, a qual é traduzida, principalmente, pela pouca variação melódica no fim dos Is menores. Nos Is maiores, em que há mais espaço para atribuições tonais anteriores à fronteira final que podem indicar a necessidade de uma cláusula núcleo, a queda da F0 na sílaba final foi mais acentuada.

As figuras a seguir, de cláusulas hipotáticas temporais *não desgarradas*, exemplificam os contornos identificados:

Figura 1: Cláusula não desgarrada *Quando ele chegar*.

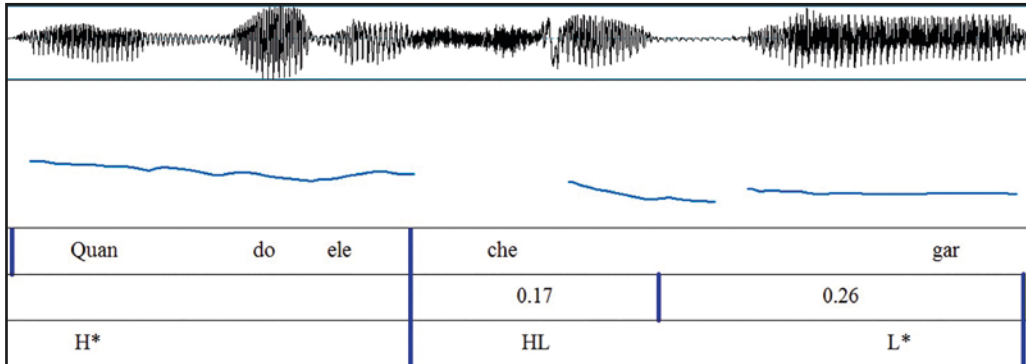


Figura 2: Cláusula não desgarrada *Quando ele chegar em casa*.

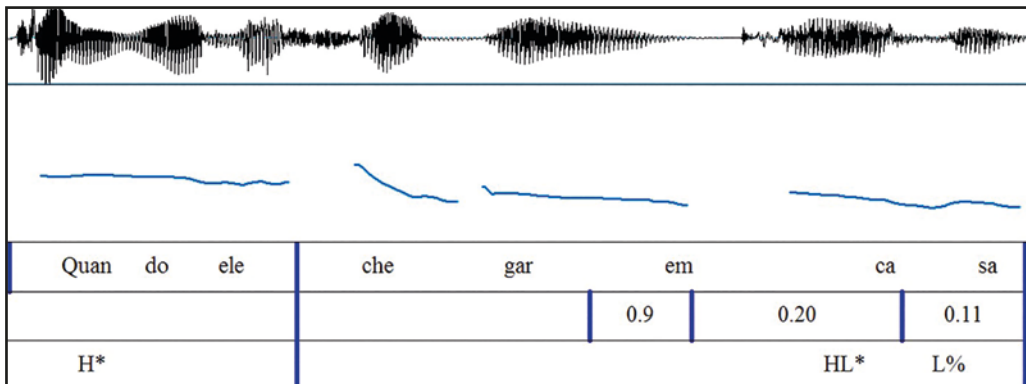
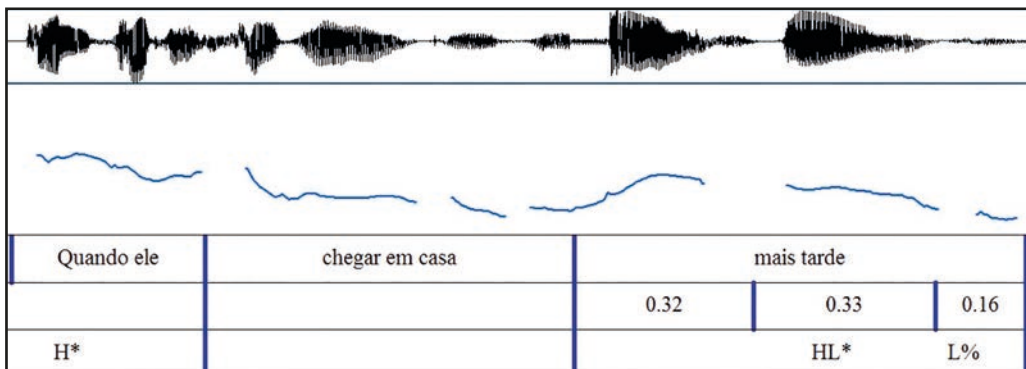


Figura 3: Cláusula não desgarrada *Quando ele chegar em casa mais tarde*.



As cláusulas temporais *desgarradas* apresentaram, em sua maioria, subida melódica na sílaba final, o que não se traduziu categoricamente num tom H na fronteira final dos Is.

Além da ascendência melódica, foi constatado, em todos os dados, um alongamento da sílaba pós-tônica final nas cláusulas *desgarradas*, as quais tiveram tempo de produção maior do que o da última sílaba pretônica. As figuras a seguir exemplificam isso:

Figura 4: Cláusula *desgarrada* *Quando ele chegar*.

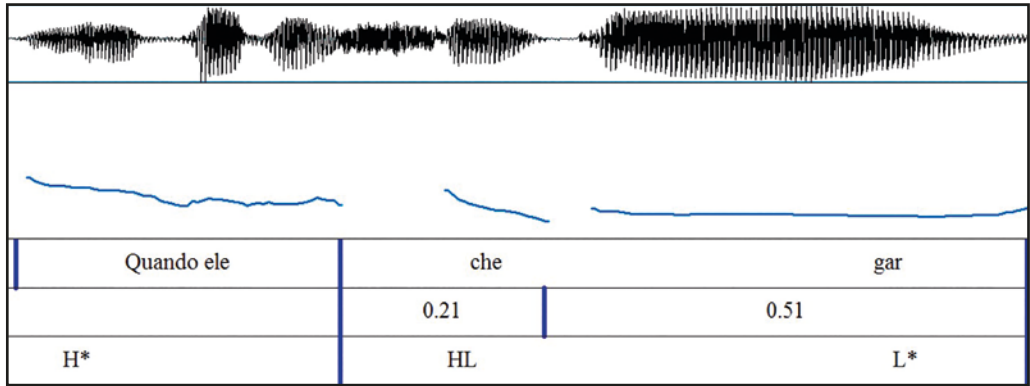


Figura 5: Cláusula *desgarrada* *Quando ele chegar em casa*.

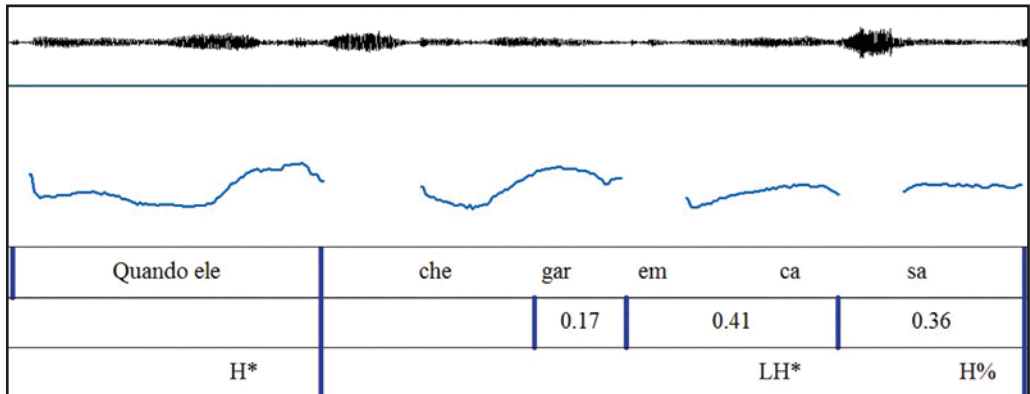
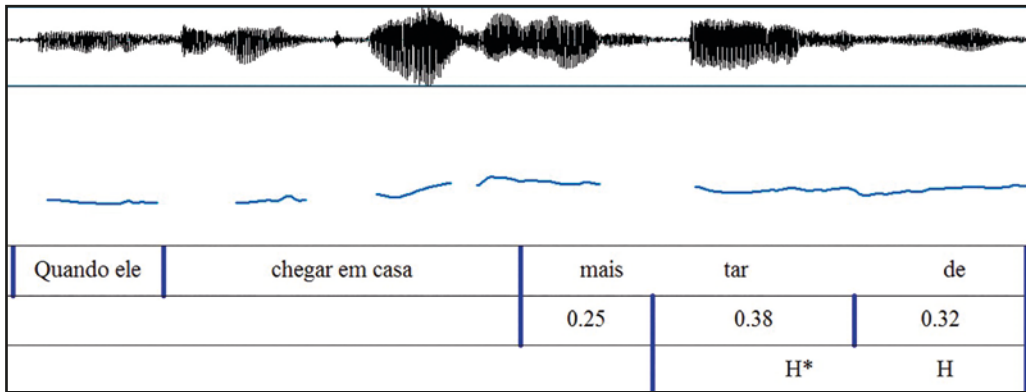


Figura 6: Cláusula *desgarrada* *Quando ele chegar em casa mais tarde.*



É interessante observar que, nos Is menores, representados pelas cláusulas “Quando ele chegar”, o movimento melódico é semelhante tanto em cláusulas *desgarradas* quanto em cláusulas *não desgarradas*, parecendo-nos ser a duração da sílaba final, maior que o dobro da anterior nos Is *desgarrados*, a principal característica do *desgarramento* nesses dados, o que certamente é favorecido pelo fato de esses Is menores terem uma sílaba tônica na fronteira.

5.1.2 Estruturas tradicionalmente chamadas condicionais

A F0 das cláusulas condicionais *não desgarradas* comportou-se de maneira semelhante à majoritariamente verificada nas cláusulas temporais, sendo o contorno final HL*L% categórico nesses dados. Além disso, foi observada a existência de um tom LH* associado à primeira sílaba tônica do segundo ϕ .

No que se refere à duração, a última sílaba pós-tônica foi produzida em tempo similar ao da pretônica nos Is menores. Nos sintagmas entoacionais em que havia maior ramificação dos ϕ s, a duração da última sílaba da cláusula *não desgarrada* foi consideravelmente menor que a das sílabas anteriores.

Figura 7: Cláusula não *desgarrada* *Se eu ganhasse na Sena*.

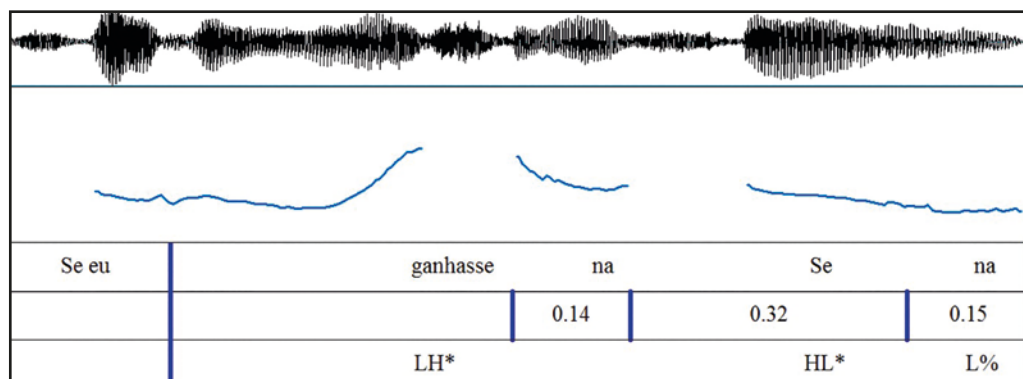


Figura 8: Cláusula não *desgarrada* *Se eu ganhasse na Sena hoje*.

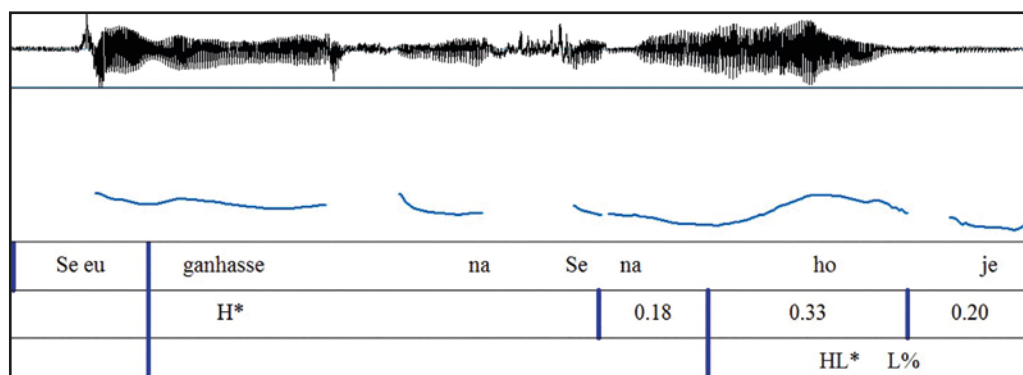
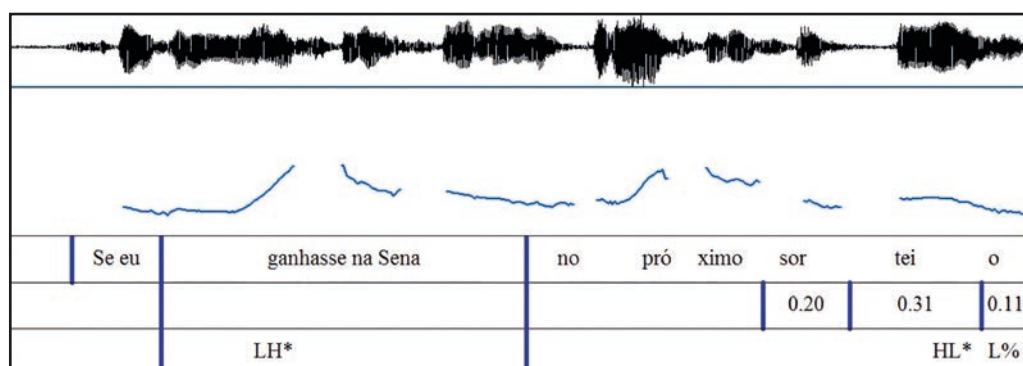


Figura 9: Cláusula não *desgarrada* *Se eu ganhasse na Sena no próximo sorteio*.



Quanto às cláusulas *desgarradas*, assim como constatado para as cláusulas temporais, o movimento ascendente foi predominante nos dados produzidos por todos os informantes, o que se traduziu, novamente, na existência de um tom H associado à fronteira final de I. Diferentemente do identificado nos dados de *não*

desgarramento, o tom LH* inicial, antes majoritariamente associado à primeira sílaba acentuada do segundo ϕ , dá lugar a um tom H* associado à sílaba inicial do I *desgarrado*.

As figuras seguintes ilustram o que foi anteriormente exposto:

Figura 10: Cláusula *desgarrada* *Se eu ganhasse na Sena*.

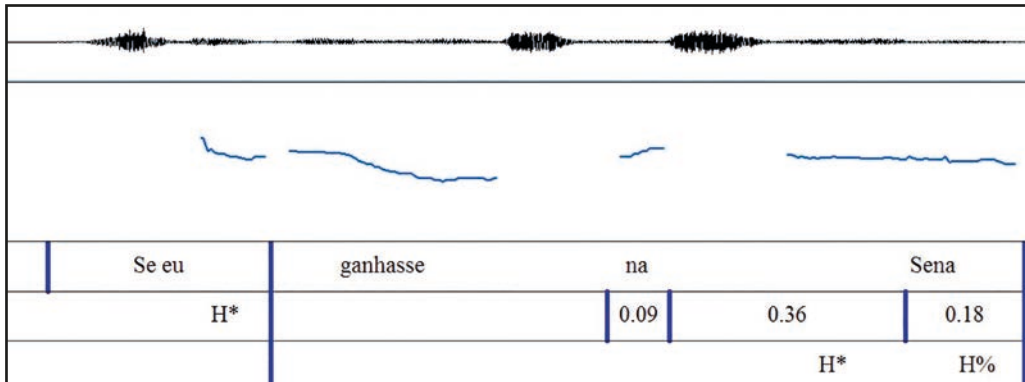


Figura 11: Cláusula *desgarrada* *Se eu ganhasse na Sena hoje*.

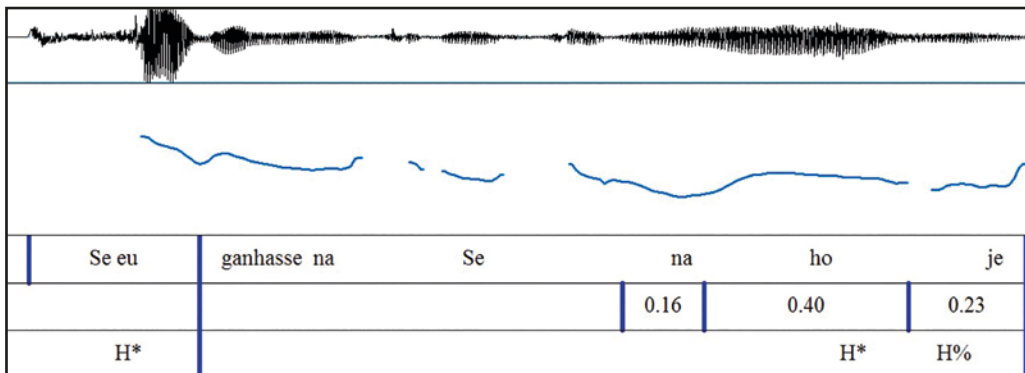
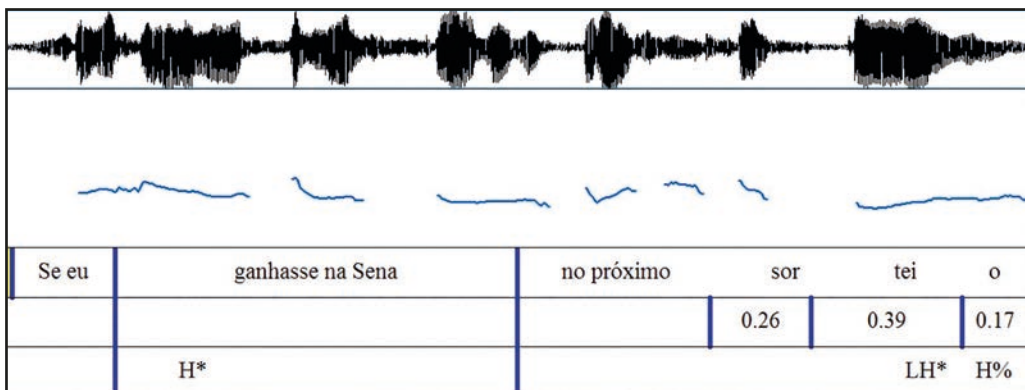


Figura 12: Cláusula *desgarrada* *Se eu ganhasse na Sena no próximo sorteio*.



A diversidade na duração também se mostrou relevante para a diferenciação dos dados, pois, nas cláusulas *desgarradas*, houve alongamento da última sílaba de I, principalmente nos sintagmas entoacionais menores, em que o referido alongamento se concretizou pelo fato de a última sílaba durar, no mínimo, o dobro da sílaba pretônica anterior.

5.1.3 Estruturas tradicionalmente chamadas causais

De forma semelhante ao descrito para outras cláusulas *não desgarradas*, foi identificada a predominância de um movimento descendente nos sintagmas entoacionais causais, assim como a existência de um tom LH* na primeira sílaba acentuada de I. No que tange à duração, as sílabas pós-tônicas finais, quando existentes, seguiram o padrão esperado para orações neutras no PB e foram menores que as pretônicas.

Figura 13: Cláusula não *desgarrada* *Já que ele não quer*.

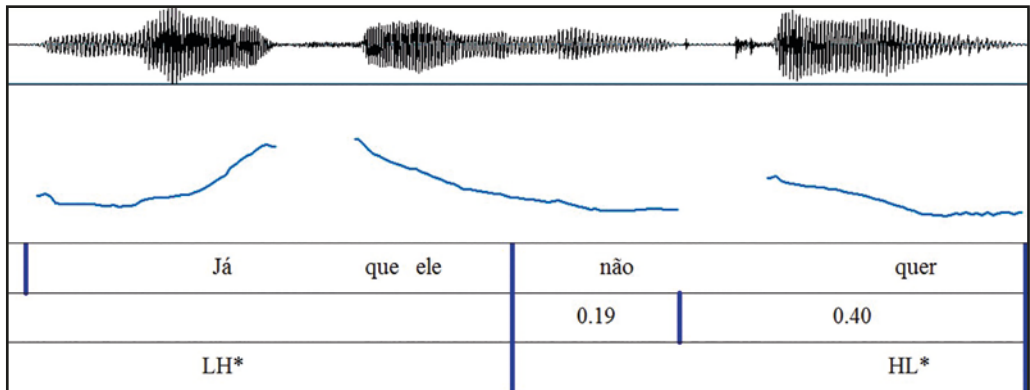


Figura 14: Cláusula não *desgarrada* *Já que ele não quer o trabalho*.

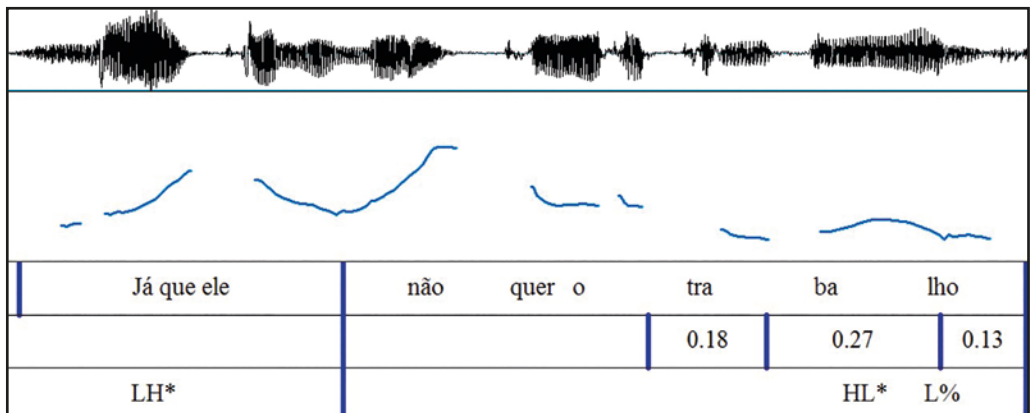
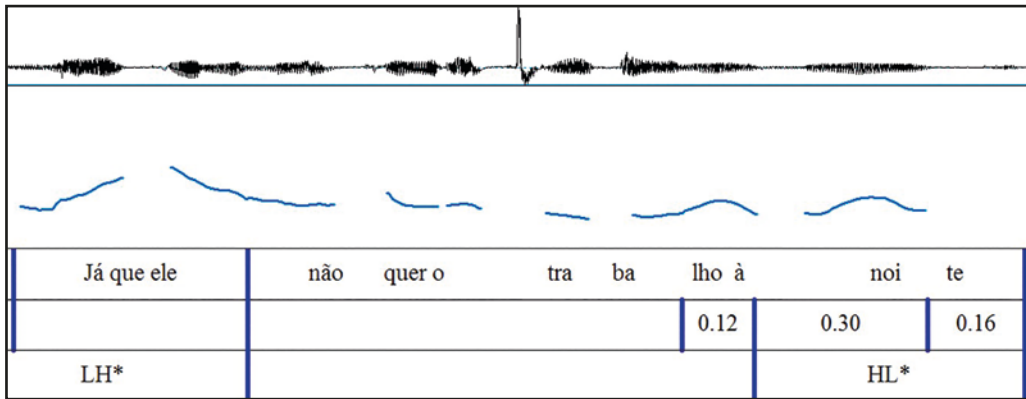


Figura 15: Cláusula não desgarrada *Já que ele não quer o trabalho à noite.*



Para as causais *desgarradas*, o movimento melódico ascendente na fronteira final de I e o alongamento da última sílaba foram, mais uma vez, as marcas indicadoras do fenômeno do *desgarramento*, conforme exemplificam as figuras seguintes:

Figura 16: Cláusula desgarrada *Já que ele não quer.*

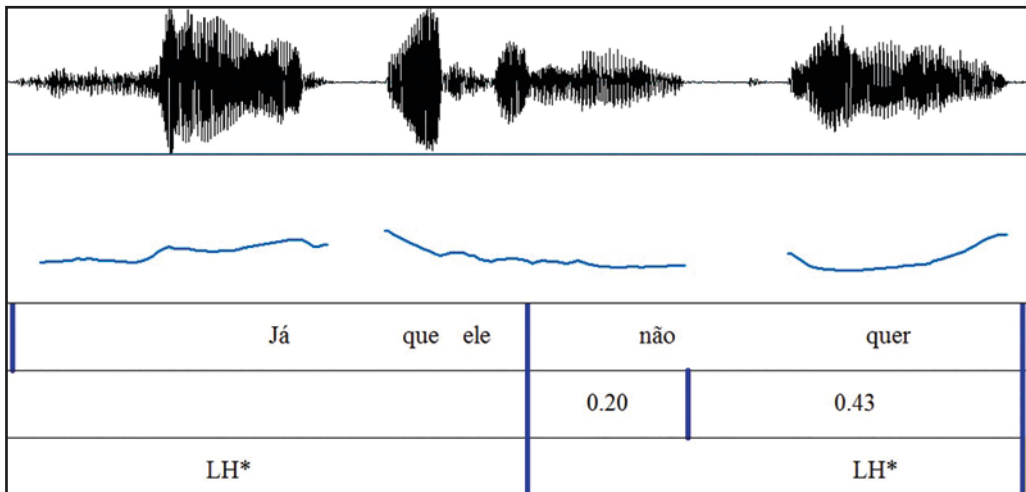


Figura 17: Cláusula *desgarrada* Já que ele não quer o trabalho.

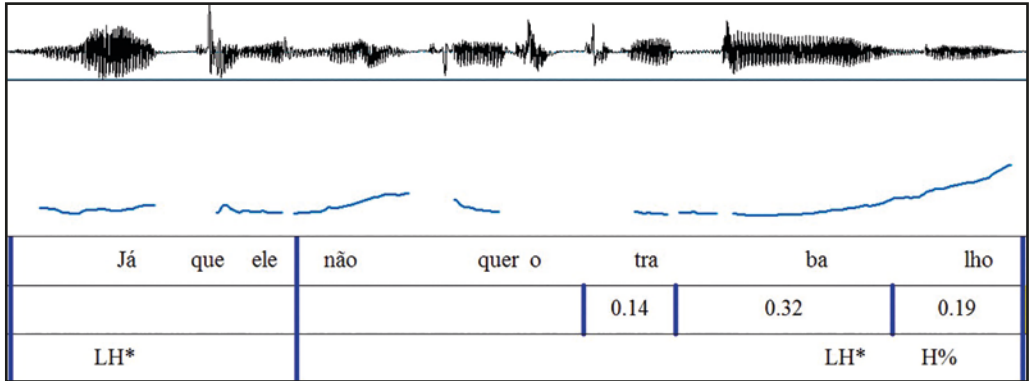
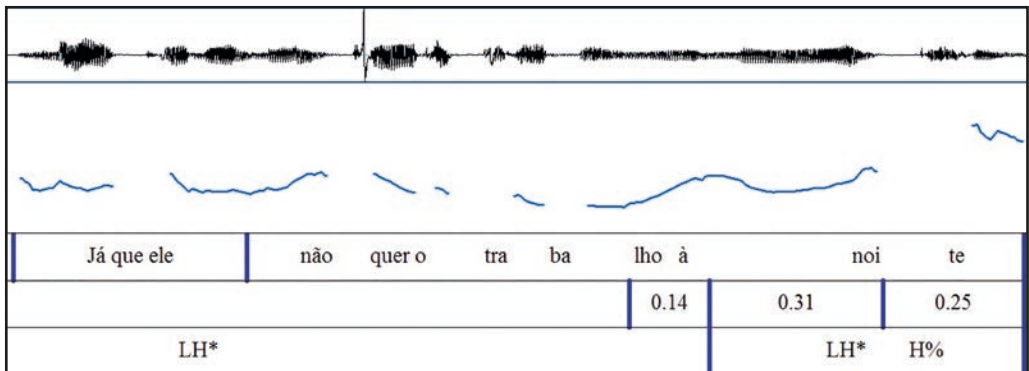


Figura 18: Cláusula *desgarrada* Já que ele não quer o trabalho à noite.



No que se refere à duração nos dados de cláusulas causais *desgarradas*, o alongamento da sílaba final foi expressivo em todos os dados, independentemente do tamanho dos sintagmas entoacionais.

5.2 Sistematização dos resultados

Considerando as principais características verificadas na análise de cláusulas *desgarradas* e de cláusulas *não desgarradas*, alguns gráficos podem sistematizar nossos achados, revelando, de forma objetiva, os resultados anteriormente descritos.

Os gráficos 1 e 2, concernentes às análises dos movimentos melódicos a partir da observação da F0, clarificam a predominância da configuração final HL*L% para os Is *não desgarrados* e da configuração LH*H% para os Is *desgarrados*.

Gráfico 1: Configurações melódicas observadas nos *Is não desgarrados*

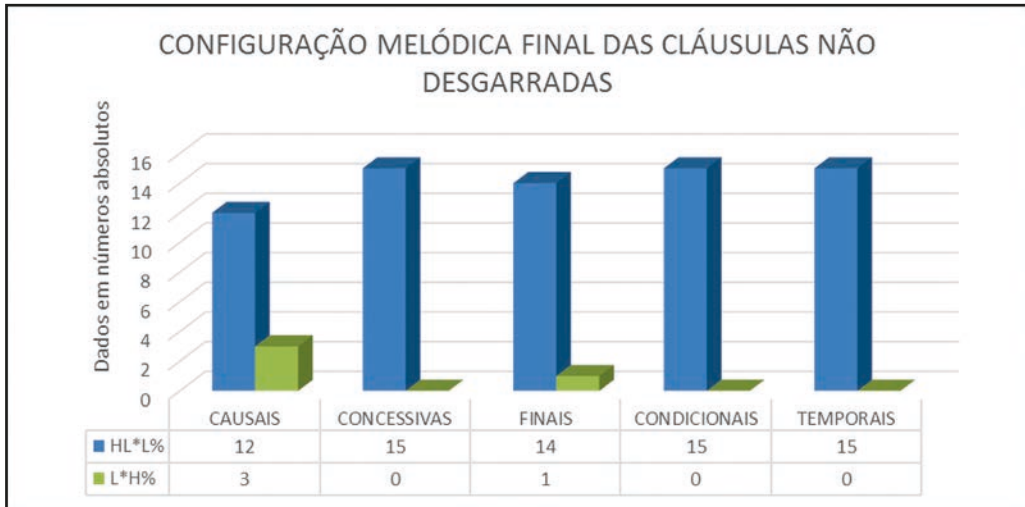
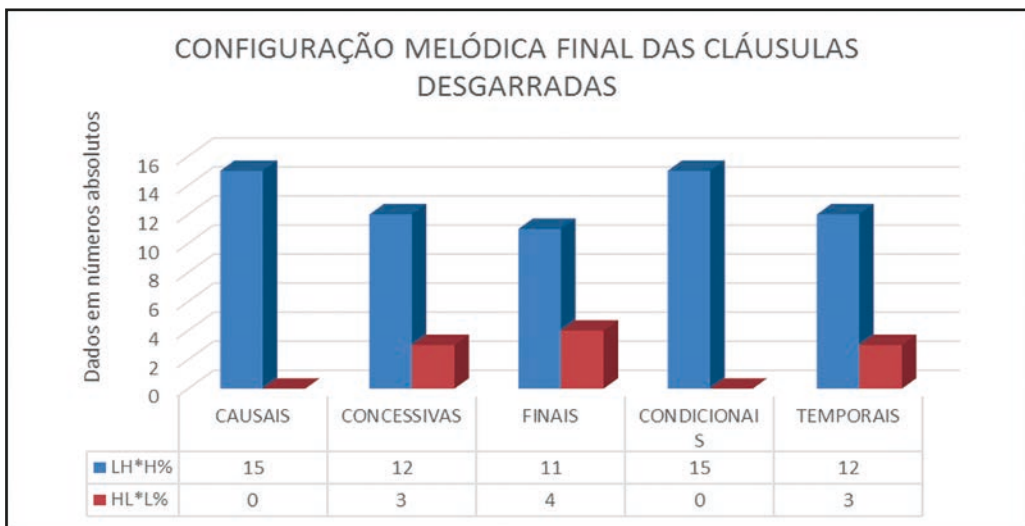


Gráfico 2: Configurações melódicas observadas nos *Is desgarrados*

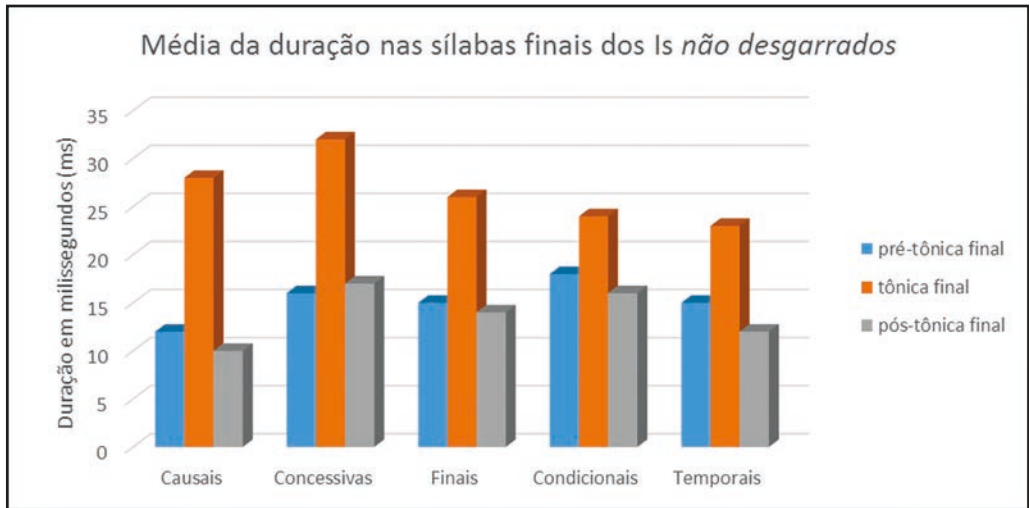


Das setenta e cinco cláusulas *desgarradas* analisadas, sessenta e cinco (86%) apresentaram tom alto na fronteira final, configuração diferente da majoritariamente encontrada nas cláusulas articuladas formalmente à matriz. Importa ressaltar que, dos dez dados em que o *desgarramento* foi representado por um tom baixo na fronteira final, oito foram produzidos pela mesma informante e, assim como os outros dois dados, enunciados por diferentes sujeitos, não foram claramente reconhecidos como representantes do *desgarramento*.

Vale lembrar que, além da diferente configuração melódica final das *desgarradas* em 86% dos Is, houve, em alguns dados de *desgarramento*, diferente atribuição tonal no início de I, representada pela existência de um tom alto na primeira sílaba acentuada que, nos dados *não desgarrados*, estava associado mais à direita.

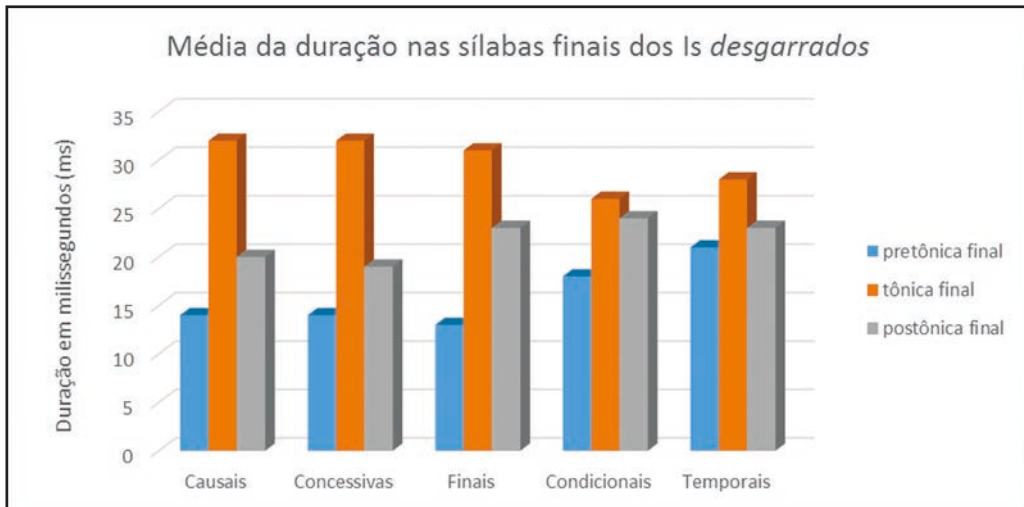
No que tange à duração, fica evidente a existência de um alongamento da sílaba final dos Is *desgarrados*, como se verifica na contraposição dos gráficos 3 e 4. Todavia, lembramos que os gráficos relevam a média da duração³ e que a produtividade do alongamento da última sílaba pós-tônica dependeu do tamanho do sintagma entoacional, já que, nos Is maiores, o referido alongamento se deu de forma menos produtiva.

Gráfico 3: Média da duração nas sílabas que compõem a melodia mínima de Is *não desgarrados*



³ Excluíram-se dessa análise as cláusulas “Quando ele chegar” e “Já que ele não quer” por não possuírem sílaba pós-tônica.

Gráfico 4: Média da duração nas sílabas que compõem a melodia mínima de Is *desgarrados*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossos resultados, vimos que a configuração melódica mais encontrada no fim dos Is não *desgarrados* foi HL*L%, descrita por vários autores como a configuração característica da declaração neutra no Português do Brasil. Por outro lado, verificamos que, nos Is *desgarrados*, a configuração melódica LH*H% - ou (L) + H* H% - foi predominante, revelando a existência de uma subida melódica nas sílabas finais, o que caracterizaria o padrão continuativo descrito por Cunha (2000) e Tenani (2002).

Assim sendo, numa análise que leve em conta apenas as configurações melódicas observadas, nossos resultados podem parecer contraditórios. Isso porque, por um lado, foi o padrão da declaração neutra majoritariamente encontrado para as cláusulas não *desgarradas*, ainda que essas cláusulas necessitem claramente da continuação da oração matriz, e, por outro, foi a configuração do padrão continuativo majoritariamente identificada nas cláusulas *desgarradas*, mesmo que o entendimento dessas cláusulas exista sem a oração núcleo. Todavia, cabe-nos ressaltar que os tons atribuídos são uma abstração e se manifestam de forma diferenciada; portanto, ainda que a configuração melódica descrita seja semelhante à de uma declaração neutra ou à de um padrão continuativo, a realização fonética da melodia não é necessariamente a mesma. Acreditamos, ainda, que o alongamento observado das sílabas finais seja um fator essencial para a caracterização do *desgarramento* em situações de fala, agindo em conjunto com os diferentes movimentos tonais nessa caracterização. Parece-nos, entretanto, que

a ramificação do último ϕ (sintagma fonológico) que forma o I *desgarrado* confere peso fonológico suficiente a I, de forma que, ainda que presente em alguns dados, o alongamento se dá de forma menos produtiva nos Is mais longos.

Além disso, podemos postular a hipótese, a ser avaliada posteriormente em testes de percepção, de que não são somente os movimentos tonais e o alongamento constatados na melodia mínima caracterizadores do *desgarramento*, mas também a diferente atribuição tonal existente no primeiro ϕ dos dados *desgarrados*.

Logo, são os diferentes padrões melódicos observados no fim dos sintagmas entoacionais, o alongamento silábico na mesma porção do constituinte e, ainda, a possibilidade de haver um deslocamento à esquerda do tom LH*, normalmente associado à primeira sílaba proeminente de I nas cláusulas *não desgarradas*, fatores preponderantes para a ativação das inferências que vão dar às *desgarradas* o estatuto de unidade de informação, permitindo que sejam entendidas como uma cláusula “completa”. O falante, portanto, utiliza-se dessas características prosódicas para a emergência das proposições relacionais que permitem o entendimento de um conteúdo específico, de um significado particular, conforme prevê *The rational speaker hypothesis*.

É importante verificar que, ainda que tenhamos efetuado uma separação das cláusulas de acordo com a classificação circunstancial dada pela GT, os resultados foram semelhantes para orações causais, concessivas, condicionais, finais e temporais. Portanto, revela-se a preponderância da configuração fonológica dos enunciados (ser um sintagma entoacional) para a caracterização do *desgarramento* e não a classificação sintática, a circunstância expressa semanticamente ou o diferente contexto pragmático, corroborando a não existência do isomorfismo entre a fonologia e outras áreas da gramática, defendida por Nespor e Vogel (1984).

Neste trabalho, apresentamos o fenômeno do *desgarramento*, associando os conceitos provenientes da teoria funcionalista à configuração prosódica. A partir da consideração de pesquisas anteriores sobre a existência de cláusulas *desgarradas* com um contorno entoacional específico (DECAT: 1999, NEVES: 2003, GARCIA: 2010) e sobre a importância da estruturação prosódica para a definição dos diferentes contornos melódicos (NESPOR E VOGEL: 2007, FROTA: 2000, TENANI: 2002, SERRA: 2009, FONSECA: 2010), buscamos analisar não só a entoação das cláusulas *desgarradas*, mas também iniciar uma discussão sobre a influência da estrutura prosódica no modo de implementação do *desgarramento*. Discussão mais ampla e prosodicamente refinada sobre o tema, com comparação

entre o português brasileiro e português europeu, pode ser encontrada em tese de doutorado de Silvestre (2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAFE, WALLACE L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (Ed.). **The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CLIFTON, C., JR., CARLSON, K., & FRAZIER, L. **Informative prosodic boundaries**. *Language & Speech*, v.45, 2002, p. 87-114.

CUNHA, C. S. **Entoação regional no português do Brasil**. Tese. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.

DECAT, Maria Beatriz N. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta* (Linguística e Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999, p.23-38.

_____. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2011.

FERNANDES, F. R. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**. Tese. Campinas: LEL/UNICAMP, 2007.

FREITAS, M. A. de. **Prosódia e sintaxe: delimitação e contraste de estruturas**. Tese. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. 228 fls. mimeo.

FROTA, S. **Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, S., M. CRUZ, F. FERNANDES-SVARTMAN, G. COLLISCHONN, A. FONSECA, C. SERRA, P. OLIVEIRA e M. VIGÁRIO. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota & P. Prieto

(eds). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015. pp. 235-283. ISBN: 978-0-19-968533-2.

GARCIA, T. S. **As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**. Tese. UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

LADD, R. **Intonational phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LIRA, Z. **A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro**. Tese. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2009.

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. **Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization**. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, 2007.

NEVES, M. H. M. A extensão da análise dos elementos adverbiais para além da oração. In: **Revista da ANPOLL**, nº. 14, p.125-137. São Paulo, 2003.

NUNES, V. **Análises entoacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano**. Dissertação. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PIERREHUMBERT, J. **The phonology and phonetics of English intonation**. PhD Thesis. Massachusetts: M.I.T., 1980.

PIERRUMBET, J.; HISCHBERG, J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: **Intentions in communication**. MIT Press. Cambridge, 1990.

REIS, C.; ANTUNES, L.B.; PINHA, V. Prosódia de declarativas e interrogativas totais no falar marianense e belorizontino no âmbito do Projeto AMPER. In:

Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala. Belo Horizonte. Jun 6-8, 2011.

SERRA, Carolina Ribeiro. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura.** Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2009.

SILVA, J.C.B. **Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais.** Dissertação. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2011.

SILVESTRE, A. P. S. **Se eu tirar um A na Violeta: Sobre o comportamento prosódico de cláusulas hipotáticas adverbiais desgarradas.** Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro, 2012. Mimeo.

SILVESTRE, A. P. S. **Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...: desgarramento e Prosódia no português brasileiro e no português europeu.** Tese. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2017.

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. O ‘Desgarramento’ de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE.** Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da UFRN, 2014.

SOUZA, Elenice Santos de Assis Costa. **A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional.** Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2009.

STEIN, Cirineu Cecote. **A Pré-Indicação Prosódica para as Orações Subordinadas Adverbiais no Português Brasileiro e no Francês.** Tese. Rio de Janeiro:UFRJ/ CLA, 2008.

VIGÁRIO, M. e S. FROTA. The intonation of Standard and Northern European Portuguese: a comparative intonational phonology approach. **Journal of**

Portuguese Linguistics 2-2 (Special issue on Portuguese Phonology edited by Wetzels), 2003, pp. 115-137.

TENANI, L.E. **Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese. Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.

